

Antropologia das populações afro-brasileiras

O PROTAGONISMO DE MULHERES GRIÔS E DE JOVENS LIDERANÇAS REMANESCENTES QUILOMBOLA: NARRATIVAS DE LUTA E RESISTÊNCIA

Edna Sousa Cruz

Professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

Resumo

Este estudo discorre o protagonismo de mulheres quilombolas, a partir de suas histórias vida, especialmente as narrativas de luta e resistência. As mulheres sujeitos da pesquisa, residem na comunidade remanescente quilombola da Ilha de São Vicente localizada no município de Araguatins-TO. A metodologia de pesquisa fundamenta-se na história oral, centrando-se na história de vida. O objeto de estudo são os relatos orais e o *corpus* compõem-se de cinco narrativas femininas. A pesquisa preocupa-se em resgatar as memórias de luta e resistência das mulheres remanescentes quilombolas bem como as dimensões de suas experiências. A proposta deste estudo se filia ao Grupo de Pesquisa GELMA (Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão), cadastrado no CNPq, especificamente, à linha de pesquisa Discurso, Memória e Ensino.

Palavras-chave: narrativas femininas; mulheres quilombolas; experiências.

Apoio financeiro: FAPEMA e UEMASUL RESUMO

Introdução

Este estudo ocupa-se em reconstruir histórias de vida de modo a conhecer os múltiplos enfrentamentos com que se depara a mulher quilombola, os processos de fortalecimento de suas identidades e dos papéis sociais que ela exerce (CRENSHAW, 2012). Não obstante a importância da liderança feminina na organização da comunidade, a mulher negra quilombola, por não pertencer a uma etnia hegemônica, fica à margem da história. Sob esta perspectiva, é que vemos a necessidade de mostrar como as narrativas das mulheres entrevistadas expressam suas lutas e superação de seus desafios.

Em nosso objetivo de pesquisa, a mulher negra quilombola, especialmente, as idosas, afiguram-se referência de valores e saberes, de ancestralidade, de identidade étnica e cultural para a família e para o grupo ao qual pertence. Partindo desta premissa, acreditamos ser importante apresentar suas experiências históricas e materiais como ponto de partida discursivo (JARDINE apud COSTA, 2002).

O campo de investigação é a comunidade remanescente quilombola da Ilha de São Vicente, localizada no município de Araguatins-TO. É dentro da frágil estrutura dessa comunidade que a mulher remanescente quilombola tem sua vida moldada, desempenhando papéis relevantes para a sobrevivência de seu povo, sua cultura, e na transmissão dos conhecimentos passados de geração em geração (SOUZA E ARAÚJO, 2014).

Na história da formação deste quilombo protagonizada por uma família para lá enviada em condição de escravidão como pagamento de uma dívida, é que são tecidas as narrativas de velhas e jovens lideranças, respeitadas por sua força e representatividade, e porque desempenham diversos papéis sociais na luta pelo reconhecimento social de sua comunidade.

As narrativas de Domingas (88) Vicência (84), Fátima (47), Uana (32), Helisama (22), colhidas por meio de entrevista oral, serão analisadas pelo ponto de vista de sua importância histórica, econômica e cultural na organização social e política da comunidade quilombola a que pertencem.

Resultados e discussões

Esta pesquisa parte da constatação de ser ainda inexpressiva a produção científica sobre mulheres quilombolas, não obstante seu grau de relevância. Em grande parte do material encontrado, observamos haver um silenciamento quanto a presença da mulher do ponto de vista de sua importância histórica, econômica e cultural na organização social e política das comunidades quilombolas.

Os dados deste estudo apontam que uma das lutas empreendidas pela comunidade quilombola investigada refere-se às representações sociais construídas sobre os remanescentes porque aqueles que desconhecem sua história (HELISAMA, 2019). Este desconhecimento acentua a negação das mulheres negras enquanto sujeitos históricos na formação do Brasil devido aos fundamentos ideológicos do patriarcado, que as coloca numa posição de subalternidade, de discriminação e de violência, tanto psicoemocional quanto física (SAMPAIO & PACHECO, 2015).

Esta pesquisa potencializa vozes de sujeitos historicamente silenciados (THOMPSON, 2000). Falamos da voz das mulheres negras, muitas vezes confinadas à posição de subalternidade (SPIVAK, 2010). Nas narrativas, o poder dos subalternos para reivindicar seus direitos manifesta-se na luta do sujeito de direito sobre o seu território (FÁTIMA, 2019), no enfrentamento das discriminações por ser mulher negra (HELISAMA, 2019), universitária beneficiada por política afirmativa (UAMA, 2019).

Uma das questões recorrentes nas narrativas refere-se a escolarização. Observa-se que as mulheres idosas foram confinadas em um ciclo de analfabetismo, em seus dizeres, pela questão de gênero. Sobre a vida no campo quebrando coco, Domingas (2019) e Vicência (2019) relatam que mais forte que a força de trabalho era — a força de

vontade de estudarII , mas que –só os *meninos homens*” tinham direito de estudar.

A privação dos estudos, nos dizeres de Domingas e Vicência teria sido ocasionada em razão da luta pela sobrevivência, mas sobretudo, por questão de gênero. Apesar desta complexa relação entre trabalho, educação e gênero. Os dados mostram que as líderes mães criam mecanismos para quebrar com o ciclo da não escolarização na geração que a precede ao construir uma narrativa sobre a importância de estudar:

–tive a possibilidade de estudar porque minha mãe criou essa condição de alguma forma (FÁTIMA, 2019).

Do ponto de vista geracional a narrativa da submissão dá lugar à narrativa de politização, na qual a dimensão educacional afigura-se elemento potencializador de luta e resistência (DAVIS, 2018). Das jovens lideranças, uma é formada e duas estão concluindo a graduação. A educação escolar e a educação política, para as entrevistadas, funcionam como mecanismos que as levam a repensarem suas posições e papéis de resistência, bem como de reafirmação das identidades negra e quilombola.

Metodologia

O presente estudo se configura como de natureza qualitativa e de caráter exploratório, na perspectiva de uma abordagem etnográfica. O campo de investigação e a comunidade remanescente quilombola da Ilha de São Vicente situa-se no estado de Tocantins no município de Araguatins.

Como opção metodológica elegemos a história oral. Não obstante ajudar a compreender como se efetua o processo de integração da mulher na comunidade remanescente quilombola a que pertence, a história oral abre caminhos para desvendarmos de que modo se efetua a construção de suas identidades a partir da narração de si.

Sob esta perspectiva, à memória, neste estudo, é atribuída uma função que transcende ao lugar comum que lhe é conferido, isto é, espaço de preservação dos fatos ocorridos. Por ser o meio de resgate e registro do vivenciado pela mulher quilombola, a memória é tomada como movimento de construção processual de um sujeito histórico que através de suas lembranças mobiliza suas múltiplas interações com o mundo.

Elegemos como corpus desta pesquisa três mulheres negras.

A metodologia desta pesquisa também incluiu visitas a Comunidade Remanescente da Ilha de São Vicente para estabelecimento de aproximação e agendamento das entrevistas, coleta de dados, registro das narrativas por meio das entrevistas. Na etapa das entrevistas nos norteamos pelo que sugere Celani (2005, p. 110), quando adverte para que nenhuma entrevista seja iniciada [...] sem o consentimento informado, esclarecido, na forma do diálogo contínuo e reafirmação de consentimento ao longo da pesquisa. Dialogar com as quilombolas da Ilha de São Vicente possibilitou-nos inteirarmos de que os participantes compreenderam os propósitos da pesquisa, e de lhes assegurarmos o direito de desistir da participação a qualquer momento.

Conclusões

Conhecer a Comunidade da Ilha de São Vicente nos possibilitou um estudo por dentro, à medida que as narrativas femininas sinalizam que a visão histórica sobre quilombos dificulta o reconhecimento e a valorização destes grupos étnicos.

Pesquisar as histórias de vida de mulheres da comunidade remanescente quilombola da Ilha de São Vicente, representa lidar com histórias, que afiguram-se, ‘artefatos culturais’ (GEERTZ, 2012) pelas identidades construídas e negociadas por meio de sentidos tecidos por sua memória afetiva e social.

Ao falar da mulher quilombola e do seu papel na sociedade, buscamos trazer simultaneamente para o centro da discussão sua trajetória de luta para contrapor espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade, e seu percurso de empoderamento, o qual perpassa seu referencial histórico (DEUS, 2011).

Abrir espaço para que a mulher negra quilombola construa sua narrativa de identidade contribuiu fundamentalmente para retirá-la da posição de invisibilidade levando-a a assumir-se como protagonista e produtora de conhecimento. Entendemos que narrativizar a vida cotidiana das mulheres negras grãs e das iniciantes nesta arte de lembrança, aqui tomadas como instrumento de empoderamento, abre possibilidade de conhecermos mais de perto as memórias de enfrentamentos desses sujeitos, e como elas ressignificam e potencializam as experiências soterradas na própria memória.

Reflexões sobre a vida das mulheres negras grãs tecida em torno de suas memórias autobiográficas de suas lutas, longe de esgotar o debate, soam provocações, propostas de caminhos, de modo a ampliar a visão que temos no campo da educação no qual atuamos acerca das mulheres quilombolas.

A apresentação de si que a mulher quilombola tece em sua narrativa, por fortalecer seu senso de pertencimento ao seu território e reconhecimento de suas origens, contribui na luta contra o preconceito e a discriminação de gênero, bem como na valorização das agentes de tradição oral como referência tanto identitária quanto étnica.

Referência

CELANI . M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*. Vol.8, 2005 (101-122).

DAVIS, Angela. Educação e Libertação: perspectiva das mulheres negras. Brasil: Boitempo Editorial, 2018.

DEUS, L.M.S. Mulheres negras e empoderamento. In: JUNIOR, J.G.S;

FERNANDES, S. L & SANTOS, A. O, de. Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas de Alagoas, Brasil - Interfaces Brasil/Canadá. Florianópolis/Pelotas/São Paulo v. 16, n. 2, 2016, p. 127–143.

GEERTZ, C, 1926- A interpretação das culturas. I.ed., I3.reimpr. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

LIMA, M. A.de; COSTA, A. C. F.da. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. Dossiês Pedagogia Griô. *Revista Diversitas*. São Paulo, ano 2, n. 3. set. 2014/mar. 2015

SAMPAIO, A. C; PACHECO, A.C. *Pontos de Interrogação*, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015 Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II — Alagoinhas — BA. Número temático: Leituras e identidades negras: narrativas, histórias, memórias.

SOUZA, P. B.; ARAÚJO, K. A. A mulher quilombola: da invisibilidade à necessidade por novas perspectivas sociais e econômicas, p. 163-182. In: ESTEVES, J. T.;

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. THOMPSON, P. *História oral e contemporaneidade*. *História Oral*, 5, 2002, p. 9-28.